

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal do Brasil

Class.: 217

Data: 30/06/85

Pg.: \_\_\_\_\_

### 190 Civilização avança e ameaça maior ilha fluvial do mundo

Desmatamento, caça predatória e agropecuária têm sido os ferozes inimigos da maior ilha fluvial do mundo, a do Bananal, que se estende por 20 mil km<sup>2</sup> no coração de Goiás. Devastando o rico patrimônio ecológico da região, eles põem em risco há anos a sobrevivência dos índios javaés-carajás, seus mais antigos habitantes. A esses perigos, soma-se outro, mais recente e não menos implacável: a Rodovia GO-262, conhecida como Transaraguaia, que cortará ao meio o Estado e separará os dois parques de Bananal. "A ilha está ameaçada de acabar", denuncia a antropóloga Mari Nasaré Baiocchi, da Universidade Federal de Goiás, afirmando que só o tombamento pode salvá-la.

O tombamento, aprovado pelo Conselho Estadual de Cultura, acabou emperrando no Ministério da Educação, em razão dos litígios que provocaria nas pastas da Agricultura e do Interior. Para a ilha ser incorporada à União, e depois tombada, a Assembléia Legislativa de Goiás teria de aprovar a doação. Essa providência foi esquecida. E Bananal é hoje área devoluta do Estado. Um território imenso e luxuriante, "sofrendo um predatório processo de ocupação", na opinião da antropóloga Mari Nasaré Baiocchi.

#### Estrada da discórdia

Idealizada pelo ex-superintendente da Sudeco, René Pompeo de Pina, a Transaraguaia escoará a produção agropecuária goiana e ligará a cidade de Santa Terezinha, em Mato Grosso, à rodovia Belém—Brasília. Sua construção tem sido defendida por fazendeiros e políticos, que a consideram "fator de riqueza para a região". O Deputado federal Aldo Arantes (PMDB) adverte, porém, que a GO-262 só beneficiará os proprietários das terras pelas quais passará. E põe entre eles René Pompeo de Pina.

O presidente do Sindicato Rural de Cristalândia, Manoel Martins Coelho, discorda, alegando que muita gente ganhará com a nova estrada, sobretudo os pecuaristas. A rodovia, explicou, facilitará o transporte dos rebanhos para a ilha, durante a época da seca, quando o gado precisa ser alimentado. Os pastos naturais da ilha são o melhor alimento para o rebanho, revela Martins Coelho, que não vê nenhuma incompatibilidade entre o gado e o meio ambiente de Bananal. "Tanto é verdade que a ilha vem sendo ocupada há mais de 30 anos sem sinais de degradação da paisagem".

A antropóloga Mari Nasaré Baiocchi discorda. "A ocupação da ilha por casas e currais está mudando sua fisionomia e desequilibrando seu ecossistema faunístico e florístico", afirma. O gado, segundo ela, além da devastação natural, levaria para Bananal doenças que terminam por matar animais indefesos, reduzir a caça e deixar sem alimento o principal agente de equilíbrio da ilha, o índio. Depois de condenar também "a caça indiscriminada nas matas e a pesca com redes e bombas", ela diz: "Tudo isso representa um crime contra a nação carajá, que vive lá desde o século XVI, e constitui um crime contra a Humanidade, pois não existe ilha igual no planeta".

De qualquer maneira, a estrada está avançando. Já chegou até Barreira da Cruz, lugarejo às margens do Rio Formoso, na entrada da ilha. Aí foi obrigada a parar. Os índios reagiram à invasão de seu território cercado a área com arame farpado. Foram mobilizados as autoridades do IBDF e da Funai, que administram os dois parques de Bananal — o Nacional do Araguaia e o Indígena do Araguaia. Sua convocação foi em vão, e permanece o impasse: a rodovia cortará ou não essas áreas?

O Parque Nacional do Araguaia foi criado a 31 de dezembro de 1959 pelo Presidente Juscelino Kubitschek, e compreendia toda a ilha. Em 5 de julho de 1971, o Presidente Emílio Garrastazu Médici reduziu essa área para 460 mil hectares e criou o Parque Indígena do Araguaia. Os limites dos dois parques voltariam a ser alterados pelo Presidente João Figueiredo, em junho de 1980. Lá vivem os carajás e os javaés, "os guardiães da ilha", na expressão da antropóloga Mari Nasaré Baiocchi.

Esses "guardiães", que na época da conquista de Goiás contavam-se aos milhares, hoje estão reduzidos a dois mil. Submetidos pelos colonizadores brancos, tiveram suas culturas destruídas e nada lhes resta senão a terra de seus ancestrais. "É fundamental a preservação de seus monumentos pré-históricos, históricos e naturais, pois esses povos são os grupos formadores da cultura goiana", argumenta a antropóloga.

